

Perda

O país chora a morte de Sophia, um dos seus maiores poetas

Sophia de Mello Breyner Andresen morreu esta sexta-feira em Lisboa, aos 84 anos, e o país chora o desaparecimento daquela que é unanimemente considerada uma das grandes figuras da poesia portuguesa.

Numerosas figuras da vida política e cultural portuguesa manifestaram já a sua tristeza e dor, recordando a obra extraordinária deixada por Sophia de Mello Breyner, «o único consolo» - como afirmou a escritora Lídia Jorge - para a notícia da morte da poetisa, que se encontrava internada há cerca de duas semanas no Hospital da Cruz Vermelha, em Lisboa.

O Presidente da República, Jorge Sampaio, considerou o desaparecimento de Sophia de Mello Breyner «uma perda irreparável para a cultura, que ela tanto enriqueceu, e para o país, que tanto prestigiou». (...) Jorge Sampaio destaca também a faceta de Sophia como cidadã, recordando-a como «uma corajosa combatente pela liberdade e uma resistente, pelo verbo e pelo acto, à opressão».

Também para o primeiro-ministro Durão Barroso, «Portugal chora hoje não só a sua maior poetisa e uma das figuras marcantes da sua cultura contemporânea (...), mas também uma cidadã exemplar que participou plenamente na vida da sua 'polis', defendendo ser sempre possível e necessário viver nela com justiça e liberdade».

(...)

Outras grandes figuras da literatura portuguesa contemporânea lamentaram também a morte de Sophia de Mello Breyner, como o escritor José Saramago a sublinhar a forma «assombrosa» como a escritora conseguia «purificar a palavra como se tivesse acabado de a inventar». «É uma grande perda por ter sido um grande poeta e uma pessoa ela mesmo fora do comum, mas fica a obra e os poemas, que é do melhor que fez», assinalou o Prémio Nobel da Literatura. Manifestando-se também «muito triste» com a notícia da sua morte, o poeta Manuel Alegre sublinhou que Sophia de Mello Breyner «é um dos maiores nomes da história da poesia portuguesa», e «um nome que rima com poesia», enquanto o ensaísta Eduardo Lourenço considerou a escritora «uma das vozes mais extraordinárias da poesia portuguesa», cuja obra «já está no coração do tempo».

Vida feita de palavras

Sophia de Mello Breyner Andresen começou a escrever aos 12 anos, deixando publicados 37 títulos entre poesia, prosa, literatura infantil, teatro, ensaio, além de vários poemas e textos dispersos. A poetisa e escritora editou 17 livros de poesia, nove antologias suas, 13 livros de prosa entre contos e histórias para a infância, seis ensaios e uma peça de teatro, «O Colar», levada à cena em 2002 pela companhia de teatro *A Cornucópia*.

Sophia de Mello Breyner Andresen destacou-se também como tradutora de Dante, Paul Claudel, William Shakespeare, Leif Kristianson, Eurípedes, entre outros autores estrangeiros. A tradução de Dante valeu-lhe uma condecoração do governo italiano, tendo Sophia recebido, ao longo da sua carreira, 13 prémios literários, nomeadamente, o Prémio Camões, em 1999. A 12 de Julho próximo, seria distinguida com a Medalha de Honra do Presidente do Chile, por ocasião do centenário do poeta Pablo Neruda, que se assinala nessa data.

A praia da Granja e a cidade do Porto, onde nasceu a 06 de Novembro de 1919, foram cenários que povoaram as suas recordações de infância e juventude. Mais tarde, já em Lisboa, frequentou o curso de Filologia Clássica, que não chegou a terminar. (...)

Sophia gostava de escrever sobre o verde, o mar, as ilhas, o amor e o trágico, mas não gostava que lhe perguntassem por que é que escrevia. «O verdadeiro artista não inventa, vê», afirmou a poetisa numa das muitas entrevistas que deu, explicando que o artista «consegue apreender na natureza, nos elementos, o elo primordial que une o Homem ao Universo». «Quem escreve sobre uma árvore, entra em ligação com ela», referia.

Para as gerações futuras fica então a poesia de Sophia de Mello Breyner, que um dia escreveu: «Quando eu morrer voltarei para buscar/Os instantes que não vivi junto do mar».

In *VISAOONLINE*, 3 de Julho de 2004 (reportagem com alguns cortes textuais)